



INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO JUNTO A ADOLESCENTES DE CACOAL-RO

Cleber Lizando de Assis

UNESC-RO; USAL-AR

kebelassis@yahoo.com.br

Lucineide Costa Santanda

UNESC-RO

santana-neide2011@hotmail.com

Nádia Valéria Moreira Santos

UNESC-RO

nadia_valeria_ms@hotmail.com

Simone Muniz Oliveira

UNESC-RO

simonekaisekamp@hotmail.com

Resumo

Objetiva-se apresentar e discutir, através uma experiência de intervenção psicossocial no município de Cacoal-RO, a importância de ações educativas de caráter preventivo no enfrentamento à violência de gênero em adolescentes; o Projeto de Extensão Mulher Viva foi desenvolvido através de intervenções psicossociais através de oficinas dinâmicas e vivenciais com 1410 adolescentes a partir de 14 anos, sendo 1200 adolescentes em evento realizado junto o Ministério Público, 90 adolescentes de escola particular e 30 estudantes de Psicologia; como resultados destaca-se que, a partir dos momentos reflexivos e de processamento finais das intervenções junto ao público, ocorreu uma ampliação da noção de violência de gênero, seus tipos principais, seu funcionamento cíclico no casal, os fatores geradores e as formas de enfrentamento, permitindo aos adolescentes pensarem suas próprias relações amorosas diante dos modelos sociais; defende-se ainda a importância de ações e projetos de extensão no curso de Psicologia, articulando ao Ensino e à Pesquisa, junto a esse público.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

Extensio: R. Eletr. de Extensão, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 11, n. 18, p.53-65, 2014.



Palavras-chave: Violência de gênero; Adolescência; Lei 11.340/2006; Extensão; Intervenção psicossocial.

PSYCHOSOCIAL INTERVENTION OF PREVENTION OF GENDER VIOLENCE TO THE TEENS OF THE CACOAL-RO

Abstract

Aims to present and discuss, through an experience of psychosocial intervention in Cacoal-RO, the importance of educational preventive in confronting gender violence in adolescents, the Extension Project Viva Woman was developed through psychosocial interventions through dynamic and experiential workshops with 1410 adolescents from 14 years and 1200 adolescents in an event held at the Public Ministry, 90 teenagers from private schools and 30 psychology students, as results highlight that, from the reflective moments and final processing of the interventions to the public, there was an extension of the notion of gender violence, its principal brands, its cyclic operation in couple, the generating factors and ways of coping, allowing teenagers think their own romantic relationships on social models; defends the importance of actions and extension projects in Psychology course, articulating the Teaching and Research, together with the public.

Keywords: Gender violence; Adolescence; Law 11.340/2006; Extension; Psychosocial intervention.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#).

Extensio: R. Eletr. de Extensão, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 11, n. 18, p.53-65, 2014.

INTRODUÇÃO

Adolescência

A construção da identidade neste período do desenvolvimento humano situado entre a puberdade e a idade adulta é caracterizada como fases de conflitos mais conhecida por todos como adolescência. Segundo Sudbrack e Dalbosco (2005, *apud* Becker, 1994), a etimologia da palavra adolescente vem do latim *ad*, que significa **para** e **olescere**, que quer dizer **crescer**; ou seja, "**crescer para**". Para Cabral e Díaz (S/D):

Adolescência também deriva de *adolescere*, origem da palavra adoecer. Adolescente do latim *adolescere*, significa adoecer, enfermar. Temos assim, nessa dupla origem etimológica, um elemento para pensar esta etapa da vida: aptidão para crescer (não apenas no sentido físico, mas também psíquico) e para adoecer (em termos de sofrimento emocional, com as transformações biológicas e mentais que operam nesta faixa da vida).

Segundo Rabello e Passos (2009) nesta fase os adolescentes precisam sentir que pertencem a algum grupo, necessitam sentir que são aceitos, desejados, tendo segurança frente às transformações que ocorrem neste período.

Com isso, muitos autores abordam este tema “adolescência” como “fase de conflitos” em seus estudos, porém, este trabalho abordará somente as teorias de Erik Erikson (fases psicossociais) e Antonio Ciampa (transformação/metamorfose).

Erikson (1976), em sua teoria sobre os estágios do desenvolvimento humano discute a influência da sociedade sobre a maturação do indivíduo, seu desenvolvimento e sua personalidade. Erikson descreveu oito etapas, sendo que, em cada uma delas, o indivíduo tem que superar uma tarefa psicossocial.

Nos estágios psicossociais, Erik Erikson não cita as idades cronológicas, o que será exposto, segundo Paiva, R. S. e Silva, T. V. (2008 *apud* KAPLAN, SADOCK e GREBB, 1997) como “aproximadamente as idades das fases do desenvolvimento psicossocial”, de onde destacamos o período da adolescência, marcada pelo dilema Identidade *versus* Confusão de Identidade (12 aos 18 anos aproximadamente).

Este estágio acontece a construção da identidade, onde se experimenta vários papéis que querem desempenhar, mas quando não conseguem, toda essa preocupação se torna confusão de identidade. Segundo Rabello e Passos (2009) esta fase os adolescentes precisam



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#).

sentir que pertencem a algum grupo, necessitam sentir que são aceitos, desejados, tendo segurança frente às transformações em ocorrem neste período.

A preocupação que os adolescentes têm em encontrar um papel na sociedade, provoca uma confusão na sua identidade e em meio esta crise são novamente vivenciados os conflitos das fases anteriores, os sentimentos gerados ao longo da infância pelas chamadas crises do ego. E são esses conjuntos de crises e de conflitos psicossociais que acompanham o indivíduo ao longo do seu desenvolvimento, segundo E. Erikson.

Já os estudos de Ciampa (1989) demonstram que a construção da identidade não depende apenas do indivíduo, e sim de um conjunto de fatores nos quais ele está inserido, principalmente a sua interação com o meio; o indivíduo está sempre numa eterna mudança de hábitos, opiniões, pois todos são influenciáveis e é nesse incansável movimento que acontece a grande “metamorfose”, a transformação.

A adolescência é, portanto, um período de mudanças no qual o jovem tem que elaborar a perda da identidade infantil e dos pais da infância para que pouco a pouco possa assumir uma identidade adulta. Neste período, o que era criança passa por transformações corporais, biológicas, afetivas e sociais. A libido volta a se concentrar nos órgãos genitais, devido ao amadurecimento dos mesmos *Violência e violência de gênero*.

A palavra *violência* tem significado de “qualidade ou ação de violento, constrangimento físico ou moral” (LUFT, 2005). A violência, de maneira geral, pode ocorrer de várias formas como, por exemplo, numa população atingida por tempestade, tornados, ciclones, deslizamento de terras, crateras, incêndios, etc. A violência também é geralmente associado a classes menos favorecidas e à juventude, no entanto a violência “está enraizada nas estruturas sociais, econômicas, culturais e políticas do nosso país (CONTE, S/D).

Logo, “as violências se apresentam de diferentes formas e com diversos efeitos sociais. Os tipos de violência entre humanos são: física, negligência social, violência de gênero, abuso sexual, violência psicológica, violência urbana, violência institucional, violência de Estado, entre outros”. (CONTE, S/D).

As consequências da violência no ser humano são de graves proporções, de forma indireta ou direta, as pessoas passam a se isolar do meio social, o pânico, o consumo de drogas, a depressão e a melancolia, além de serem muitas vezes mais agressivas. Tanto as pessoas que sofrem violência com as que presenciam atos violentos tendem a fazer mais o uso do álcool e outras drogas, o que pode gerar mais o agravos e doenças (CONTE, S/D).



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#).

A violência contra a mulher é um problema de saúde pública e violação dos direitos humanos, segundo (ARANTES, SASTRE e GONZÁLEZ 2010, *apud* LIMA, BUCHELE e CLINACO, 2008). A violência traz consequências graves para a mulher, por exemplo, o seu desenvolvimento pleno e integral que acaba comprometendo desenvolvimento socioeconômico do país, (ARANTES, SASTRE e GONZÁLEZ, 2010, *apud* NARVAZ e KOLLER, 2006).

Para Scott (1995, *apud* ARAÚJO 1999), “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e também um modo primordial de dar significado às relações de poder”. Para ela, essas duas proposições estão intrinsecamente relacionadas.

Assim prossegue Araújo (1999), afirmando que o conceito de gênero pode ser analisado como uma questão de igualdade e da diferença. Essa diferença seria entre homem e mulher, pois “antigamente”, quando se tratava do sexo masculino, este parecia ser diferente/superior ao do sexo feminino. Era assim que os homens se sentiam, superiores as mulheres.

Entre essas violências uma que é definida pelas Organizações das Nações Unidas - ONU conceitua e a *violência de gênero* como “qualquer ato de violência baseado no gênero que resulte ou possa resultar em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico a uma mulher, incluindo ameaça de tais atos, coerção, privação arbitrária da liberdade, seja no âmbito público ou privado”.

Estratégia de Enfrentamento (Coping)

O estresse muitas vezes é inevitável na vida humana, por isso há diferentes formas de adaptar-se a uma situação, e isso irá depender das estratégias de enfrentamento (*coping*), que seria um conjunto de processos utilizados para controlar as demandas da relação indivíduo – ambientes que serão elaboradas por cada indivíduo, o qual as pessoas se tornariam mais hábeis para lidar com situações adversas que surgiriam em sua vida.

Segundo Holahan e Moos (1987, *apud* RIBEIRO e RODRIGUES, 2004), “o *coping* tem sido definido como um factor estabilizador, ou seja, que facilita o ajustamento individual ou a adaptação quando se está perante situações ou em momentos estressantes”.

Numa perspectiva cognitivista, segundo Folkman e Lazarus (1980, *apud* ANTONIAZZI, DELL’ AGLIO e BANDEIRA, 1998), propõem duas divisões para o modelo de estratégias de enfrentamento (*coping*), o primeiro focalizado no problema e o segundo



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#).

focalizado nas emoções. O focalizado no problema são estratégias adaptativas que podem diminuir as ameaças e reduzir a tensão emocional; as estratégias de enfrentamento (*coping*) focalizado nas emoções procura diminuir as sensações de desconforto emocional e é mais usada em situações percebidas como difíceis de mudar.

Relacionando o conceito de *enfrentamento* e de violência, segundo Lisboa *et al.* (2002) as mulheres vítimas de violência utilizam diferentes estratégias para reduzir ou eliminar as ameaças. Essas estratégias de enfrentamento (*coping*) dependem das variáveis individuais e ambientais, pois podem ser utilizados recursos matérias, crenças, habilidades e apoio social a cada indivíduo. De acordo com Folkman e Lazarus (1980, *apud LISBOA et al.*, 2002). A pessoa ativa processos cognitivos para identificar a situação crítica com a qual se depara, checar suas condições atuais, experiências eficazes e ineficazes anteriores, nível e grau de risco envolvido nesta e analisar os recursos disponíveis e as alternativas possíveis para lidar com o problema.

Como pode-se observar são varias as estratégias empreendidas pelas mulheres que sofrem violência doméstica, e tendo em vista o quanto é importante a compreensão do processo de enfrentamento e das estratégias realizadas por essas mulheres no enfrentamento da violência em suas mais diversas formas, já que infelizmente a violência doméstica é uma realidade cruel é que existe na nossa sociedade.

Quanto aos adolescentes que se desenvolvem num contexto de violência, segundo Lordelo, Bastos e Alcântara (2002) “o sujeito em desenvolvimento, sob uma perspectiva ecológica, está inserido em diversos contextos e por sua complexidade são chamados de sistema”. (p.32). Neste contexto que Lordelo, Bastos e Alcântara (2002) se refere aos ambientes familiares, de interação com as pessoas, a comunidade em que vive e a escola, e que se constituem como muito importantes para o curso de desenvolvimento dos sujeitos, que urge intervenções educativas e preventivas em relação a violência de gênero.

MATERIAL E MÉTODOS

Na adolescência todos passam por um período de transformação, na qual essa mudança é muito importante para o crescimento interior de cada ser. É uma fase que ocorrem com os todos adolescentes, neste período surgem as duvidas, medos, inseguranças, os “porquês” entre outros, em especial, no campo da afetividade, sexualidade e relacionamentos



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#).

Intervenção psicossocial de prevenção à violência de gênero junto a adolescentes de Cacoal-RO

amorosos. É importante, nesse sentido, que os adolescente se sintam preparados para enfrentar alguns tipos de conflitos que possam surgir no decorrer desta etapa e no, nosso caso, um exemplo nesse campo é a violência física e a violência verbal, entre si e entre gêneros, que afetam a moral, a dignidade e até mesmo o psicológico das pessoas envolvidas, o que se constitui a problematização de nossa ação.

Favorecer aos adolescentes a pensar/refletir e vivenciar sobre o que é violência de gênero e os danos que ela pode causar, bem os fatores relacionados à sua ocorrência; Facilitar conhecimentos que ajudem adolescentes a enfrentar os conflitos que possam surgir entre casais; Apresentar a Lei protetiva das vítimas de violência de gênero (Lei n.º 11.340/06, “Maria da Penha”); Incentivar os adolescentes a realizar denúncias nas Delegacias ou Ministério Público; Discutir os mitos populares sobre a violência e as formas de seu enfrentamento; Discutir o conceito de ciclo ou fases da violência e apontar formas de lidar com o outro, em especial, nas relações amorosas, sem chegar à violência.

A intervenção foi desenvolvida junto a um público de adolescentes do sexo masculino e feminino, de escolas públicas e particulares de Cacoal-RO, por um grupo de três acadêmicas do psicologia e um professor do curso de Psicologia, com a colaboração de um psicólogo judiciário do mesmo município.

Esta foi composta de *momento inicial* (“quebra gelo”) através de música lúdica coletiva e uma técnica em dinâmica (“*Temos os olhos vendados para a violência?*” que simula uma briga entre casal adolescente, sendo que o menino tem os olhos livres enquanto a menina tem os olhos vendados); segue-se um breve *processamento*, onde os facilitadores indagam aos voluntários e público sobre sentimentos, percepções e opiniões.

Em relação ao *momento intermediário*, é desenvolvida uma técnica em dinâmica de grupo, sob a forma de uma dramatização, em que o facilitador pede que dois casais, encenando namorados construam duas cenas, uma com conflitos e finalização em violência e a outra pela via da palavra e negociação sem violência doméstica. Na sequência, o facilitador procede a novo momento de *processamento* e reflexão sobre as duas cenas e suas formas de lidar com conflitos interpessoais, discutindo com todo o grupo, os fatores que podem gerar e resolver a situação de violência.

Quanto ao momento final da intervenção, os facilitadores apresentam de forma expositiva-dialogada, os *mitos sobre a violência*, os *tipos de violência* (BRASIL, 2006;



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#).

ARANTES, SASTRE e GONZÁLEZ, 2010, *apud* CORSI, 1997/2003) e o conceito de *ciclo da violência*, que foram:

1 - Mitos sobre a violência doméstica: “Um tapinha não dói”; “Apanha porque merece”; “Roupa suja se lava em casa”; “Antes mal acompanhada do que só”; “A violência doméstica só ocorre esporadicamente”; “Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”; “A violência doméstica só acontece em famílias de baixa renda”; “Se fosse tão grave, as vítimas abandonariam seus agressores”;

2- As principais formas de violência: violência física, sexual, patrimonial, violência moral e violência psicológica;

3 – O *ciclo da violência* (WALKER, 2002, *apud* LIMA, 2009) constituído de três fases: *fase da tensão*, quando esta se acumula e se manifesta por meio de atritos, insultos e ameaças, muitas vezes recíprocos; *fase da agressão*, quando ocorre a descarga descontrolada de toda aquela tensão acumulada, e o agressor atinge a vítima de diversas formas físicas e/ou verbais; e a *fase da reconciliação*, em que o agressor pede perdão e promete mudar de comportamento, ou finge que não houve nada, ficando mais carinhoso, com oferta de presentes.

Em relação ao *papel do facilitador*, orientou-se que deve ter um papel ativo, porém não-intrusivo, evitando centralizar as questões e conhecimentos em si, recebendo e devolvendo ao grupo os seus saberes, para que este vá se identificando e responsabilizando. Devendo ainda acolher o grupo e contribuir para que uma nova identidade, individual e grupal, seja construída. Também deve ser incentivador, sempre estando atento a manifestações de angústias, às lideranças que emergem do grupo, as dificuldades de expressão dos participantes e comunicação específica do grupo. Em suma, o facilitador deve ser um condutor que auxilia na reflexão e insights de seus integrantes.

RESULTADOS E ANÁLISE

Optou-se por apresentar os resultados e respectivas discussões a partir de cada eixo temático da intervenção psicossocial:



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#).

Extensão: R. Eletr. de Extensão, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 11, n. 18, p.53-65, 2014.

Realidade da violência de gênero

Os adolescentes e jovens puderam se identificar com as personagens e situações vivenciais de violência de gênero no seu cotidiano que se constitui num micro e mesossistema decisivos para a constituição de sua identidade afetiva e relacional, podendo, em especial, problematizar o contexto familiar em que prevalece modelos importantes que podem definir a configuração de uma identidade violenta, caso, diante de sua crise ou fase adolescente não dispor de apoio e suporte saudáveis (LORDELO, BASTOS e ALCÂNTARA, 2002; BRONFENBRENNER 1979/1996, *apud* CECCONELLO e KOLLER, 2003; RABELLO E PASSOS, s/d).

Discussão sobre os mitos populares sobre a violência de gênero

A estratégia foi, a partir de frases coletadas do meio social, buscou-se uma desconstrução de práticas cristalizadas de violência de gênero que, segundo Bourdieu (1974) se constituem num *habitus social* que pode ser entendido como o universo simbólico que gera o estilo peculiar de pensar e agir individual. Nesse sentido, discutir tais mitos é confrontar tais práticas assimétricas de poder que vem se naturalizando numa cultura de violência entre homens e mulheres.

Reflexão sobre os tipos e consequências da violência de gênero

Ancorados na classificação da Lei 11.340/2006, denominada “Maria da Penha” e em outros estudos (autor, ano), buscou-se apresentar os principais tipos de violências praticadas entre os gêneros, com destaques para os tipos de violência que não a física, posto que menos evidentes e pouco consideradas na configuração de ato criminoso. Relacionando aos tipos de violência, apontou-se as principais consequências quais seja nas categorias física, psicológica e social, tais como suicídio, obesidade lesão, corporal, dificuldade de adormecer e abuso de álcool/drogas, depressão, estresse, destruição da autoestima, fobias, síndrome da dor crônica, apatia emocional e dificuldade de se concentrar, distúrbios ginecológicos, aborto espontâneo, dificuldade de cumprir suas atividades laborais e cotidianas, dentre outras (AZAMBUJA *et al*, 2003; KASHANI e ALLAN, 1998 *apud* FONSECA e SOUZA, 2006; GALVÃO e SOARES, 2004).



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O adolescente e jovem, por estarem numa fase decisiva para a constituição de sua identidade, seja de gênero, sexual e amorosa, pode se encontrar numa situação mais vulnerável diante de modelos familiares e sociais de violências, necessitando de *imagos-modelo*, além de suporte de pessoas e conhecimentos que lhes favoreçam uma socialização de gênero mais saudável.

Nesse contexto, é de grande relevância a atuação da sociedade civil e do Estado, através dos mais diversos órgãos, instituições e órgãos que se ocupem da prevenção às diversas formas de violência contra a mulher, em especial, junto aos adolescentes.

Cabe, nesse sentido, um papel propositivo e efetivo também das universidades e faculdades, em especial, a partir da Extensão universitária articulada ao Ensino e Pesquisa, de forma a desenvolver um diálogo entre academia e comunidade através de ações preventivas e educativas.

Como destaque desse tipo de ações, a presente proposta desenvolvida e ora apresentada se constitui em experiência que pode servir de experiência modesta, mas eficiente para o tipo de ações em extensão nos cursos de Psicologia e de outras ciências humanas e da saúde.

Pode-se constatar que, a partir dos momentos reflexivos e de processamento finais das intervenções junto ao público, ocorreu uma ampliação da noção de violência de gênero, seus tipos principais, seu funcionamento cíclico no casal, os fatores geradores e as formas de enfrentamento, permitindo aos adolescentes pensarem suas próprias relações amorosas diante dos modelos sociais. Nesse sentido, defende-se ainda a importância de ações e projetos de extensão no curso de Psicologia, articulando ao Ensino e à Pesquisa, junto a esse público.

REFERÊNCIAS

ARANTES, V. A.; SASTRE, G.; GONZÁLEZ, A. Violência contra a Mulher e Representações mentais: um Estudo sobre Pensamentos Sentimentos Morais e de Adolescentes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 109-120, jan./mar., 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n1/a13v26n1.pdf>>. Acesso em: 1 dez. 2012.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

Intervenção psicossocial de prevenção à violência de gênero junto a adolescentes de Cacoal-RO

ARAÚJO, M. F. **Casamento e sexualidade. A revisão dos mitos na expectativa de gênero.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S01036652005000200004escript=sci_arttextetlng=es>. Acesso em: 1 dez. 2012.

AZAMBUJA, M. R. F. O caminho percorrido pela criança-vítima. Revista Psiquiatria, Porto Alegre, v. 25, suplemente 1, p.9-21, abr., 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a03v25s1>>. Acesso em: 1 dez. 2012.

BELLONI, M. L. Infância, máquinas e violência. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 87, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21469.pdf>>. Acesso em: 1 dez. 2012.

CABRAL, F., Díaz, M (S/D). **Adolescência: uma nova visão, uma nova ação.** Disponível em: <<http://www.adolescencia.org.br/empower/website/pdf/adoles.pdf>>, Acesso em: 15 ago. 2012.

BRASIL. Presidência da República. **Lei Nº 11.340, de 7 de Agosto de 2006.** Brasília, DF: Casa Civil, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

CECCONELLO, A. M.; KOLLER, S. H. Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 515-524, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a10.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

CIAMPA, A. C. Identidade. In LANE, S. T; W. CODD, W. **Psicologia social: o homem em movimento.** São Paulo: Brasiliense, 1984. p.59-75.

CONTE, M. **Violência e saúde mental.** S/D. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/violenciamartaconte.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2012.

DELL' AGLIO, D. D. O processo de coping em crianças e adolescentes: adaptação e desenvolvimento. **Temas em Psicologia da SBP**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 1, p. 38-45, jun.,



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

Extensio: R. Eletr. de Extensão, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 11, n. 18, p.53-65, 2014.

Intervenção psicossocial de prevenção à violência de gênero junto a adolescentes de Cacoal-RO

2003. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v11n1/v11n1a05.pdf>>, Acesso em: 29 set. 2012.

FONSECA, P. M.; Lucas, T. N. S. **Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas**, 2006. Disponível em: <<http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/152.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2013.

GALVÃO, E. F.; ANDRADE, S. M. Violência contra mulher: análise de casos atendidos em serviço de atenção à mulher no município do Sul do Brasil. **Saúde e Sociedade**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 89-99, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n2/09.pdf>>.

LIMA, V. L. A. **Violência contra mulheres “Paroaras”: contribuições pra a Enfermagem**. Universidade Federal de Santa Catarina/Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem-Programa de Doutorado Interinstitucional em Enfermagem - UFSC/UFPA/CAPES Florianópolis/SC-Belém/PA, 2009. Disponível em: <www.ufpa.br/ics/arquivos/violencia_mulher/Tese_Final_Vera.pdf> Acesso em: 26 fev. 2013.

LISBOA, C.; KOLLER, S. H.; RIBAS, F. F; BITENCOURT, K.; OLIVEIRA, L.; PORCIUNCULA, L. P.; MARCHI, R. B. Estratégias de coping de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 15(2), 345-362, 2002. Disponível em: <>, Acesso em:03/10/2012.

LORDELO, L. R.; BASTOS, A. C. S.; ALCÂNTARA, M. A. R. Vivendo em contexto de violência: o caso de um adolescente. **Psicologia em Estudo**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 31-40, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n2/14358.pdf>>, Acesso em: 19 abr. 2013.

LUFT, C. P. **Minidicionário Luft**. 21. ed. São Paulo: Ática, 2005. p.747

PAIVA, R. S.; SILVA, T. V. Considerações a respeito da ansiedade em jovens atletas a partir dos estágios psicossociais do desenvolvimento, **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 11-19, jan./jun., 2008. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/psicologiaempesquisa/files/2009/11/v2n1002.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2012.

RABELLO, E.; PASSOS, J. S. **Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento**. S/D. Disponível em: <<http://www.josesilveira.com/artigos/erikson.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2013.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

Extensio: R. Eletr. de Extensão, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 11, n. 18, p.53-65, 2014.

Intervenção psicossocial de prevenção à violência de gênero junto a adolescentes de Cacoal-RO

RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. R.; DAVIS, C. **Teorias do desenvolvimento: conceitos fundamentais**. São Paulo: EPU, 1981.

SOARES, Vera. O feminismo e o machismo na percepção das mulheres brasileiras. In: VENTURINI, Gustavo; RECAMAN, Marisol; OLIVEIRA, Suely (Orgs.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. 1. ed. São Paulo: Editora e Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 161-182.

SUDBRACK, M. F. O.; DALBOSCO, C. Escola como contexto de proteção: refletindo sobre o papel do educador na prevenção do uso indevido de drogas. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE**, b 2, 2005, São Paulo. Anais... Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200082&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 10 ago. 2012.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

Extensio: R. Eletr. de Extensão, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 11, n. 18, p.53-65, 2014.